



O deputado federal Nikolas Ferreira, de Minas Gerais, discursou no ato pró-Bolsonaro

Fala de Nikolas ao lado de Bolsonaro expõe direita acuada

Mirando mobilização, deputado mineiro cita a Bíblia e afirma que volta à Presidência pode demorar gerações

Joelmir Tavares

são Paulo A fala do deputado federal Nikolas Ferreira (PL-MG) de que talvez as atuais gerações não vejam novamente um presidente da República de direita, feita ao lado do ex-presidente Jair Bolsonaro (PL) na avenida Paulista no domingo (25), foi além da admiração que o segmento passa por dificuldades.

Para políticos e pesquisadores opinados pela Folha, a mensagem reforçou a ideia de perseguição e sufocamento do campo conservador com as investigações sob a guarda do STF (Supremo Tribunal Federal) e busca estimular a base bolsonarista a se manter mobilizada, apesar das incertezas.

Um dos pontos a discursarem na manifestação, o deputado mineiro fez alusão à Bíblia, pediu perseverança e disse aos correligionários que a atual geração ficará marcada como a dos que “persistiram e não desistiram”.

“Moisés não chegou a ver e entrar na terra prometida, mas teve um jovem chamado Calebe que entrou. Se não fosse a força de Moisés, Calebe não teria entrado. Talvez nós não veremos o Brasil prome-

tido, mas os nossos filhos, os filhos dos nossos filhos, verão um Brasil novamente verde e amarelo”, afirmou.

“Talvez não hoje, talvez não amanhã, mas um dia nós veremos um presidente de direita retornar à Presidência da República do nosso país”.

O parlamentar reforçou os termos ao postar no X (antigo Twitter) que “falou com o coração”. O Brasil prometido depende de nós. Talvez não hoje, talvez não amanhã, mas veremos”, escreveu, lembrando de todo tempo de um inimigo a ser combatido.

Cada geração tem um propósito. A nossa tem o objetivo de fortalecer a próxima”, reiterou em entrevista à revista Oeste nas imediações do ato.

Outros representantes da direita negaram constrangimento, disseram concordar com Nikolas, apesar de serem algo exagerado, e atribuíram o cenário a uma ofensiva que estaria unindo o STF, sobretudo o ministro Alexandre de Moraes, e governo Lula (PT) para sufocar o campo rival.

“Costei muito da fala”, diz o deputado estadual Cristiano Caporozo (PL-MG). “Nós estamos lutando hoje e acreditamos que vamos ter a vitória. Não quer dizer

que necessariamente irá demorar várias gerações, mas que, ainda que venha a democracia, não vamos arrefecer nem perder nossa força de vontade. Voltar para que aconteça na próxima eleição, mas o tempo não depende de mim”.

Segundo o aliado de Nikolas, a sua fase se deve a “forças muito grandes”, com “pesso-

“Talvez não hoje, talvez não amanhã, mas um dia nós veremos um presidente de direita retornar à Presidência da República do nosso país. Cada geração tem um propósito. A nossa tem o objetivo de fortalecer a próxima”

Nikolas Ferreira

deputado federal

as extremamente poderosas que estão utilizando o poder que têm para esmagar o Estado democrático de Direito e os direitos humanos e políticos [da direita].”

Questionado, o mineiro diz estar se referindo a Moraes. O vereador Rubinho Nunes (União Brasil-SP) afirma ter a mesma preocupação de Nikolas, em virtude “dos excessos praticados, da leniência de certos que deveriam se impor e da sanha autoritária por parte dos poderosos, especialmente PT e Lula, que ameaçam a alternância de poder”.

Nunes, que vê a inevitabilidade de Bolsonaro como principal exemplo da perseguição política aos conservadores e considera “uma falácia” a “muita do golpe, diz que o diagnóstico feito pelo deputado Paulista só como um alerta.

“É necessário que o nosso campo tenha perseverança e que comece a senar algo que talvez eu não veja [dar resultados], mas que vai apontar esse retorno [à Presidência]”, diz o vereador de São Paulo.

A ex-deputada estadual Jaelma Paschoal diz não ser “tão fatalista” quanto Nikolas na leitura de que um novo presidente de direita pode demorar várias gerações. No entanto, a advogada, que tem mandato (2019-2022) concluiu acenos aos conservadores e críticas pontuais ao então presidente, reconhece que a eleição de 2026 será de direita para a direita, “justamente pelos excessos de Bolsonaro e do bolsonarismo”.

O discurso do deputado também foi visto por alguns como uma espécie de anúncio antecipado de uma pré-candidatura dele ao Planalto —o que só poderia ocorrer a partir de 2031, já que ele não tem a idade mínima (35 anos) para concorrer ao mais alto cargo da República.

Seguidores o saudaram como “futuro presidente” em postagens com trechos da fala na Paulista. A reportagem não conseguiu contato com o parlamentar nesta segunda-feira (26).

Na esquadra, as palavras de Nikolas que pintam um futuro sombrio para a direita foram analisadas com cautela. O discurso nos bastidores é o de que o bolsonarismo, embora momentaneamente combatido, tem condições de dar demonstrações de fôlego nas eleições municipais de outubro.

O próprio Bolsonaro, ao se dirigir aos manifestantes, citou o pleito deste ano: “Vamos caprichar no voto, em especial, para vereadores e prefeitos também. E nos prepararemos para 2026. O futuro a Deus pertence”. Inelegível, o ex-mandatário não indicou até o momento quem seria seu sucessor.

“No que depender do PSOL, nenhum projeto autoritário e antipolítico voltará a governar o Brasil”, diz a presidente nacional do partido, Paula Coradi, ao ser instada a comentar a fala do parlamentar.

“O fato é que a direita e a ultradireita não têm projeto para o país. Seu poder político se baseia na tática do medo para mobilizar o eleitorado conservador com pautas de costumes baseadas em mentiras”, segue a dirigente do partido que tem Guilherme Roslos como pré-candidato a prefeito de São Paulo.

A socióloga Esteli Solano, que é professora da Unifesp (Universidade Federal de São Paulo) e estudou o bolsonarismo desde 2017, enxerga no discurso de Nikolas o reconhecimento de que “termina um período” em que a direita é liderada por Bolsonaro, enquanto se abre uma disputa por seu espólio político.

Para a pesquisadora, o ex-presidente “enfrenta problemas que são inegáveis até para a própria base dele” e está em curso um debate entre os simpatizantes sobre “o bolsonarismo sem Bolsonaro”.

Ela diz que, ao entrevistar cidadãos bolsonaristas, inclusive de perfil mais radical, sobre o futuro, ouve também analogias bíblicas e a previsão de que o grupo atravessará “um longo deserto”.

Por estes considerações, inclusive, que Lula poderá ser reeleito ou fazer seu sucessor.

“Há uma estratégia [de Nikolas] para manter a base aquecida, o que se faz basicamente com simbologia. Vamos esse tom cristão, com moralização da política, guerra espiritual e ideia de bem contra o mal”.

De acordo com o cientista político Jorge Chaloub, professor das universidades federais do Rio de Janeiro e de Juiz de Fora, a mobilização dos apoiadores foi um dos eixos da manifestação.

“Ele [Nikolas] está tentando acenar para ele mesmo. É um discurso interessado, de alguém que fala em líderes do futuro e ao mesmo tempo se apresenta como um candidato a ocupar esse posto”, afirma Chaloub.

Nenhuma surpresa [com a quantidade de pessoas], foi muito aquém do que os próprios organizadores estavam divulgando que teria de presença. Surpresa nenhuma. A surpresa se refere apenas ao conteúdo da confissão dos crimes praticados”, afirmou o ministro.

Já Paulo Pimenta (Secom) disse que não iria comentar o ato e depois insistiu no questionamento sobre a manifestação, afirmando que assistia a jogos de futebol e não se interessava por assuntos políticos. “Só sei que os vermelhos ganharam tudo ontem. O Liverpool, o Inter, o Flamengo. Só deu vermelho ontem”.

ter Bolsonaro no poder. Ele ainda acrescentou que o ato teve menos gente do que o esperado pelos organizadores.

Nenhuma surpresa [com a quantidade de pessoas], foi muito aquém do que os próprios organizadores estavam divulgando que teria de presença. Surpresa nenhuma. A surpresa se refere apenas ao conteúdo da confissão dos crimes praticados”, afirmou o ministro.

Já Paulo Pimenta (Secom) disse que não iria comentar o ato e depois insistiu no questionamento sobre a manifestação, afirmando que assistia a jogos de futebol e não se interessava por assuntos políticos. “Só sei que os vermelhos ganharam tudo ontem. O Liverpool, o Inter, o Flamengo. Só deu vermelho ontem”.

Ex-presidente conversou com Temer antes de fazer seu discurso

Marianna Holanda

BRASÍLIA O ex-presidente Jair Bolsonaro (PL) conversou com o ex-presidente Michel Temer (MDB) na semana anterior à manifestação de domingo (25), na avenida Paulista.

Segundo relatos, o ex-mandatário buscou Temer para conversar sobre o que Bolsonaro faria no ato. Temer aconselhou pedir pacificação, o que Bolsonaro ouviu e incorporou na sua fala.

A informação foi revelada pela GloboNews e confirmada pela Folha.

Temer levou recado a alguns ministros do STF (Supremo Tribunal Federal), de que o ex-presidente não radicalizaria o discurso.

Um ministro falou, reservadamente, que Temer disse que a manifestação não buscava agravar a situação, que o ex-presidente foi orientado para atenuar a situação. Para ele, o ato não surpreendeu pela quantidade de pessoas, demonstrou que ainda tem apoio político. Mas, do ponto de vista processual, nada mudou.

Não foi a primeira vez que Bolsonaro buscou Temer como conselheiro e interlocutor com a corte. Em setembro de 2021, depois de singar o ministro Alexandre de Moraes, do STF, de canaleta e exortar decumprimento de decisões judiciais, percebeu que estava a corda recortada a Temer para escrever uma carta recusando de ameaças golpistas.

Agora, segundo interlocutores, Temer disse a Bolsonaro que deveria adotar um de pacificação e deferir o enfrentamento pelo meio do voto. Os dois pontos foram acatados.

Tu busco, [governador Ronaldo] Caiado, é a pacificação. É passar uma borraça no passado”, disse Bolsonaro, em tom muito baixo de outros atos.

“Agora temos eleições municipais, vamos caprichar no voto, em especial, para vereadores e prefeitos também. E nos preparamos para 2026. O futuro a Deus pertence”, afirmou.

Bolsonaro falou em “abusos de alguns”, o que não estava no roteiro discutido com Temer, mas tampouco foi visto como grave. Segundo interlocutores, o emendista aprovou a fala.

Em 9 de setembro de 2021, dois dias após atacar o STF, Bolsonaro divulgou uma recusa recusando, disse que não teve “nenhuma intenção de agredir quaisquer dos Poderes” e atribuiu palavras “contundentes” ao “calor do momento”.

“Nunca tive nenhuma intenção de agredir quaisquer dos Poderes. Alinharia entre eles não é vontade minha, mas determinação constitucional que todos, sem exceção, devem respeitar”, afirmou.

A mudança de tom após repetidos xingamentos a integrantes da corte desagradou a grupos bolsonaristas, foi elogiada pelos presidentes do Senado e da Câmara, mas foi vista com ceticismo pelos magistrados.

Horas depois de divulgar a recusa, Bolsonaro usou a ve semanal para tentar se justificar a apoiadores, dizendo não haver “nada de mais” na nota, e voltou a questionar as urnas eletrônicas e a provocar o ministro do STF e então presidente do TSE (Tribunal Superior Eleitoral), Luís Roberto Barroso.